

(CADERNO DE SÁBADO, JORNAL DA TARDE, 19/10/1999)

“UMA ANÁLISE DO TRAUMA DE INFÂNCIA DA MODERNIDADE.
Por Elias Thomé Saliba

1848 foi talvez um dos anos mais trágicos da história europeia no século 19. Neste ano, socialismo e nacionalismo ganharam força e se concretizaram em movimentos sociais até então inéditos na história ocidental, fermentando um quadro coletivo já existente de recessão, crise agrícola, fome e profunda pauperização social. Mas a tragédia começou quando se ergueram as barricadas de junho em Paris: milhares de pessoas mortas nas batalhas de ruas, quase três mil prisioneiros sumariamente trucidados após a derrota, enquanto outros 12 mil foram aprisionados e deportados para campos de trabalho na Argélia. O grande tema de **O velho mundo desce aos infernos**, de Dolf Oehler, é o esquecimento político e social provocado por este evento traumático da história mundial que, praticamente, detonou a primeira grande crise de autoestima da modernidade ocidental.

É certo que autores mais antigos que trataram do tema, em livros clássicos, como Georg Lukács, Walter Benjamin, ou Sartre já haviam estabelecido um vínculo enfático entre esta data e o início da literatura moderna - quando não enxergaram em 1848 o verdadeiro ponto de partida histórico da criação cultural contemporânea. Entre inúmeras análises da conjuntura revolucionária de 1848 cujo epicentro estava na França, a abordagem de Dolf Oehler destaca-se exatamente por não dar muita importância àqueles teóricos ou escritores que conseguiram um olhar de maior distanciamento em relação àqueles acontecimentos trágicos- como Marx, Tocqueville ou Victor Hugo - e enfatizar a importância de escritores e testemunhos mais engajados, daqueles que, afinal, não conseguiram esconder – e nem esquecer – a sua frustração e a sua perplexidade face à tragédia.

Todos sabemos o quanto nossa memória funciona como um dócil ministro do interesse próprio e tanto as sociedades como os indivíduos, detêm o poder de produzir o seu próprio passado. No caso individual, a psicanálise mostrou, à sociedade, como as neuroses, psicoses ou conflitos pessoais nascem exatamente da produção desses “esquecimentos”. É possível a uma sociedade aplicar-se à produção do seu próprio

esquecimento? Como a cultura conseguiu produzir este notável esquecimento coletivo e, afinal, como acabou por recalcar a memória social desse autêntico genocídio social que foi 1848?

Oehler mostra que o esquecimento foi causado, em primeiro lugar, pelas próprias condições de produção e recepção dessa literatura. Alguns textos inspirados diretamente pelo evento (como os dos anarquistas Joseph Déjacque ou Louis Ménard) assim como muitas canções políticas foram ou interceptados, destruídos e proibidos pela polícia, ou então impressos no exílio, por editoras mais ou menos obscuras, não raro às expensas do próprio autor. Se décadas mais tarde, estes textos foram desenterrados e reeditados, isso se deu de maneira pontual, isolando-os de seu contexto temático, histórico e literário. Quase todos estes escritos poderiam, então, ser classificados em três categorias: os ignorados, os esquecidos e os mal interpretados – sendo que os pertencentes à esta última categoria também caíram, a rigor, noutra forma de “esquecimento”.

Publicistas obscuros como Hippolyte Castille ou Ernest Coeurderoy, que sentiram na pele os massacres de 1848, ressurgem, com seus escritos inflamados: “O ódio, o ódio! Esse meu único amor.” vociferava Coeurderoy nos pasquins incendiários; enquanto Castille, esmerando-se em retratar o estado bruto e primitivo da revolta social, respondia: “Odeio infinitamente porque amo sem reservas!”. Oehler ainda recupera aquelas figuras de combatentes sociais que escovaram a história à contrapelo como o russo Alexander Herzen, talvez o mais patético dos autores de junho de 1848, porque nos seus escritos quem fala não é um sábio, um juiz, um promotor, um agitador ou um teórico, mas um homem perturbado, espicaçado em seu desespero, impotente em seu ódio. O engajamento generoso, o cinismo impenitente e o distanciamento satírico fizeram de todos eles fortíssimos candidatos à categoria dos escritores ou esquecidos ou completamente ignorados. Esquecemos deles, mas eles jamais se esqueceram de 1848. Incapazes de dominar seu ódio através do pensamento e da escrita, de exorcizar a tragédia por meio da literatura, de sublimar o trauma e transformá-lo, como tantos outros, num projeto de ação política, aporrinham o leitor, repisando infinitamente o episódio, neuróticamente fixados no genocídio social de junho de 1848. Seus escritos são singulares e desconcertantes, pois neles as imagens adquirem vida, as figuras ganham existência independente de sua função ideológica, e o leitor é menos doutrinado do que comovido e incitado à lembrança.

Apesar do genocídio, Oehler nos mostra que a revolução de 1848 na França foi também uma revolução de belas palavras. Parece que toda a incontida energia do Iluminismo com sua entranhada crença na liberdade e na capacidade racional do homem concentrou-se na literatura que antecede o evento de 1848. Mas após o desastre, os intelectuais percebem o desgaste das palavras, e quanto o Iluminismo havia se degenerado em palavrório e a linguagem da razão e da humanidade havia se transformado em pura hipocrisia. Também aí, o próprio código semântico da época foi perdido e ajudou a produzir o esquecimento, o recalque e o silêncio. Em toda a primeira parte do livro, utilizando uma técnica pontilhista, o autor se dedica a recuperar estes códigos perdidos, quase que obrigando a sociedade da época a deitar-se no divã do analista para que - através da livre associação das palavras - as neuroses e os recalques pudessem vir à tona. Empreendimento brilhante, mas, de difícil acompanhamento pelo leitor destituído de um conhecimento mínimo da literatura da época. Há que se ter em conta a verdadeira e autêntica comunhão entre literatura e opinião pública naquela época, algo que talvez jamais tenha se repetido no decorrer de toda a história.

1848 foi um instante único da história mundial de fraternização não somente da grande massa popular com a burguesia francesa, mas também da própria literatura com a opinião pública. O principal meio desta última fraternização foi, sem dúvida, a imprensa: presença maciça dos escritores e poetas nos jornais; sucesso galopante dos romances-folhetins; leitura intensa pelo público dos jornais e revistas que, por sinal ainda não tinham adquirido aquele perfil puramente informativo que predominaria posteriormente. O jornal poderia ser muito corretamente definido em 1848, com a frase definitiva de Hegel: “a bíblia cotidiana da humanidade”.

Mas escrever depois de 1848, quando Napoleão III – chamado por Victor Hugo, de “o pequeno” - assumiu o poder tornou-se um empreendimento difícil, messiânico, quase bíblico mesmo, beirando ao impossível. Novas palavras e outras atitudes estéticas eram necessárias para falar sobre o velho mundo que ruía após aquela carnificina insana e cruel. A despolitização forçada da literatura na década de 1850, proibiu aos escritores de tomarem partido, de atacarem abertamente a sociedade da Restauração e o novo Império, de exprimir às claras o seu luto, fosse pela liberdade perdida ou pela sua compaixão pelo povo miserável e derrotado. Obrigados a permanecer em Paris, centro cultural que lhes

viabilizava a carreira literária, os escritores se vêem relançados sobre si mesmos, sobre o silêncio do seu próprio mundo privado. É nos três últimos capítulos do livro que Oehler ensaia uma original releitura de escritores como Heinrich Heine, Baudelaire e Flaubert, mostrando-nos, particularmente nestes três casos, o quanto a melancolia da impotência pode tornar-se uma força literária produtiva. Heine, com suas mensagens obtusas e cifradas de subversão para desarmar a censura; Baudelaire, com seu satanismo renitente, forçando o leitor a um trabalho constante de luto e de imaginação; e Flaubert, com sua lógica inexorável, desprezo gélido e sátira mordaz, utilizados, sobretudo no clássico **A Educação Sentimental**, apenas para esconder do leitor uma fé burlada, uma renúncia estóica e um ceticismo desesperado.

Com uma interpretação refinada dos três escritores, poetas e profetas da primeira de uma longa série de inúmeras crises de auto-estima da modernidade, Oehler conclui seu imenso painel ensinando-nos que, afinal, recalques e esquecimentos coletivos daquele grande genocídio de 1848, tornaram sempre possível, quando não inevitável, a sua trágica repetição.
